

AS NARRATIVAS DE TRÊS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA SOBRE PROFESSORES QUE EDUCAM CRIANÇAS.

Jairo Barduni Filho ¹

RESUMO

O artigo, intitulado: As narrativas de três estudantes de Pedagogia sobre professores que educam crianças é fruto da pesquisa: *Homens na Pedagogia: conflitos e tensões pela presença masculina no ensino de/com crianças*. O artigo é uma das etapas da pesquisa financiada pelo (PAPQ-UEMG/2020) com aprovação no comitê de ética. O artigo partiu da necessidade de aprofundar com os estudantes de Pedagogia da UEMG-Carangola dados coletados em etapas anteriores como questionário no qual as inquietações, desafios e dificuldades apareceram no percurso dos estudantes e até de professores que educam crianças. A estratégia metodológica utilizada foi a organização de um grupo focal pela plataforma *Microsoft Teams* em outubro de 2021. Para a análise das narrativas usamos o aporte dos estudos de gêneros, masculinidades, em especial: Louro (1997) e Ramos (2017). O resultado parcial aponta a necessidade de trazer este assunto para a licenciatura em Pedagogia, ou seja, para a formação desses estudantes e apresenta dados que corroboram com a pesquisa de Ramos (2017) em entrevistas realizadas com professores que trabalham com crianças. Além disso, as narrativas trouxeram preconceitos dentro da própria turma em que estudam.

Palavras-chave: Masculinidades, Docência masculina infantil, Gênero.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto da pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Iniciação Científica (PAPQ-UEMG/2020): *Homens na Pedagogia: conflitos e tensões pela presença masculina no ensino de/com crianças*. A pesquisa, que está no seu último ano, foi devidamente aprovada no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG. O objetivo desta etapa da pesquisa foi estabelecer uma conversa de aprofundamento com os estudantes do curso de Pedagogia da UEMG-Carangola, que já haviam participado da coleta de dados em um questionário aplicado anteriormente, afim de entender um pouco mais do que pensam sobre a presença masculina na docência infantil e os desafios no trabalho com crianças. Caminhamos nesta análise com autores pós-estruturalistas como Louro (1997), Foucault (2010 e 2003) numa perspectiva da construção do sujeito pelo discursivo.

Pensar a formação para a docência, especialmente para os anos iniciais é reconhecer que estamos falando de um campo de trabalho cujo universo é predominantemente feminino, uma realidade da maioria dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e conseqüentemente, das

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, jairobardunifilho@gmail.com;

creches, pré-escolas e ensino fundamental no Brasil. Isso nos leva a entender como bem aponta Louro (1997) que as instituições têm gênero. Na verdade, como aponta a autora “Da arquitetura aos arranjos físicos; dos símbolos às disposições sobre comportamentos e práticas; das técnicas de ensino às estratégias de avaliação; tudo opera na constituição de meninos e meninas” (p.91). Assim, a escola é uma instituição eminentemente feminina com seus atributos de cuidado, vigilância e, mesmo que no início ela tenha sido masculina em sua essência com seus mestres jesuítas na inauguração da escola moderna enquanto homens da colonização, a ruptura moderna ocorreu com a feminização do magistério em meados do século XIX com discursos que versavam sobre a modernização da sociedade, higienização da família, formação de jovens e educação das mulheres, especialmente das mães, segundo Louro (1997): “A esses discursos vão se juntar os da nascente Psicologia, acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças” (p.96). Logo, atributos considerados inerentes a mulher como: cuidado, afeto, doação, amor, resguardo, vigilância passaram a ser vistos como essenciais para o trabalho com crianças no Magistério. Por isso, a representação do magistério passou a ser feminina em discurso, práticas e representação na sociedade.

Homens e mulheres são assim, parte de um constructo histórico e social, portadores de uma construção histórica que perpassa as profissões. Exemplo claro disso é que dos professores que educam crianças, 96,6% são mulheres segundo (CAETANO, 2019). Com 3,4% de homens trabalhando com crianças, sabemos que este quantitativo tende a se elevar nos últimos anos de escolarização, temos mais homens lecionando no fundamental II e Ensino Médio do que no Ensino Fundamental I e Educação Infantil. Os papéis profissionais costumam ocorrer pelas expectativas familiares e sociais, ou seja, a masculinidade é resultado da pressão social que leva os homens a cumprirem com normas e papéis sociais estabelecidos de acordo com o processo de subjetivação dos sujeitos em consonância com seu sexo-gênero em detrimento a determinados afazeres e profissões.

METODOLOGIA

Para aprofundar dados de um questionário aplicado em fase anterior, foi organizado um grupo focal no mês de outubro de 2021 pela plataforma *Microsoft Teams* tendo em vista os protocolos de segurança pelo contexto da COVID/19 e as aulas ocorrendo de forma remota. Mesmo os estudantes sendo oriundos de municípios distintos localizados na microrregião de Carangola-MG, o élan que os unia foi o fato destes serem estudantes do curso

de Pedagogia – UEMG/Carangola. O contato com os estudantes se deu primeiramente por meio de um grupo de *WhatsApp* e, quatro estudantes se dispuseram a participar do grupo focal, porém, no dia combinado, um deles não compareceu no encontro online.

Foi decidido que as palavras-chave para o encontro seria: Cuidado; Higiene; Violência e Perigo. O encontro foi intitulado como: Encontro com os homens da Pedagogia. Este ocorreu no dia 2 de outubro de 2021 e teve 1 hora e 30 minutos de duração. Antes do encontro, foi encaminhado para cada estudante o texto: *Onde estão os homens na Educação Infantil*, de Carolina Caetano (2019).² O texto foi utilizado para introduzir a discussão com os três estudantes, que, no caso, este são:

Marcelo, um estudante heterossexual do curso de Pedagogia da instituição UEMG - unidade Carangola, com idade de 46 anos. Ele possui uma curta experiência, como professor em que lecionou no Ensino Fundamental I da Rede Pública para crianças com faixa etária entre oito, nove e dez anos de idade.

Wesley, um estudante homossexual do curso de Pedagogia da Instituição UEMG - unidade Carangola, com idade de 21 anos. Ele ainda não possui experiências atuando como professor.

Alan, um estudante do quinto período do curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, homossexual de 20 anos de idade, ainda não possui experiência profissional como professor.

Além deles, também é importante incluir o mediador do encontro, o professor orientador da pesquisa. Jairo, Doutor em Educação, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, homossexual de 40 anos de idade. Já teve experiência trabalhando com crianças.

O PRAZER DA CONVERSAÇÃO – DIÁLOGOS E REFLEXÕES COM O TEXTO: “ONDE ESTÃO OS HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”

Jairo: “Bem-vindos rapazes e obrigado pelo aceite para o encontro, vamos começar pensando um pouco nas ideias que o texto da Carolina nos apresenta, o que podemos capturar para nós sobre essa discussão – homens no trabalho com crianças pequenas?”

Marcelo: “Eu gostei do texto, o assunto é pertinente, fiquei abismado aqui com o número 96% dos professores são mulheres, o preconceito ele realmente existe,

² Disponível em: <https://papodehomem.com.br/onde-estao-os-homens-na-educacao-infantil> acesso em 21 de set de 2021.



porém o grande medo aí eu acredito que é a pedofilia, então as vezes assim pro pai, uma mãe mandar uma criança para a escola fica esse medo da pedofilia e na verdade nem todos os homens são pedófilos, eu diria até que uma minoria muito pequena mesmo, mas infelizmente esse preconceito ele existe, existem outros fatores também, mas eu acredito que esse talvez seja um dos maiores.”

Jairo: *“Exatamente, foi uma excelente colocação Marcelo, porque sempre que a gente estuda essa presença masculina na educação infantil através de textos, através de reportagens, através de entrevistas de Youtube ou até mesmo outros materiais, isso sempre aparece, e o medo da pedofilia aparece por qual motivo? Por qual motivo é sempre imputado ao homem uma característica de violência? A nossa construção masculina é uma construção que acontece com base na masculinidade dominante, hegemônica e que faz parte dessa construção o gosto pela violência, o gosto pelos esportes de combate, o gosto pela luta, o gosto por todo tipo de atividade que envolva um grau de violência ou de risco e isso acabou se tornando um comportamento naturalizado, porém a pedofilia não pode ser vista como sendo essencialmente pertencente ao gênero masculino, afinal, também existem mulheres violentas, mulheres também podem ser violentas em algumas situações até mesmo no ambiente pedagógico educacional.”*

Marcelo: *“Essa questão da violência de professoras que são muito violentas, muito agressivas às vezes não fisicamente, mas verbalmente, muito agressivas, mesmo verbalmente”.*

Jairo: *“No livro Sociologia da Educação Infantil de Ana Lucia Goulart e Daniela Finco a questão de violência das mulheres para com os pequeninos aparece, e eu não estou dizendo aqui que isso é algo natural, estou dizendo que isso pode acontecer em espaços de educação infantil independente de ser com um menino ou com uma menina, professor ou professora podem exercer algum tipo de violência seja físico ou verbal, porém, como o magistério foi atrelado a maternagem, a violência cometida por mulheres educadoras acaba talvez ficando invisibilizada. Tudo é uma construção histórica e é por isso que devemos desnaturalizar, desnaturalizar tanto o modelo exclusivo do homem violento quanto da mulher maternal. Logo, nem o homem é um sujeito violador por natureza e nem mulheres estão isentas de serem violentas dentro desses espaços, então, a violência pode tanto acontecer da parte de um professor homem como da parte de uma professora mulher. São situações que apenas um olhar atento para as micro relações entre crianças e educadores é que podem relevar”*

O diálogo acima, apresenta a percepção que o estudante Marcelo possui a respeito da docência masculina e da própria masculinidade enquanto um campo de estudo. Marcelo captura a pedofilia como sendo o maior dos preconceitos, uma constelação de suspeitas e resguardos por parte de familiares e equipe gestora.

É importante lembrar que o trabalho com crianças pequenas envolve o cuidado com higienização e, por consequência, o professor homem fica exposto no tocante a suspeitas em relação ao ato de tocar em uma criança nua. Tais suspeitas nos remete a Ramos (2017), em sua pesquisa com homens docentes de uma rede municipal de educação. O pesquisador destaca que os homens que chegam as instituições de educação infantil costumam passar por um estágio probatório, que, diferente do estágio probatório de exigência legal no Estatuto do Servidor no Município pesquisado, serviria para sanar as suspeitas dos adultos daquela

instituição e dos familiares. Suspeitas vinculadas principalmente a identidade sexual dos professores homens.

O professor Jairo aponta para o perigo de generalizarmos determinados comportamentos como sendo natural de homens ou mulheres, desnaturalizar é uma questão metodológica para duvidarmos da naturalidade dos objetos, das explicações inquestionáveis sobre o ser e o agir. Como aponta PRADO FILHO (2012) “Ação de resistência ao movimento habitual do pensamento positivista de ancorar conceitos e objetos nesses grandes solos empíricos que são a “natureza” e o “biológico” (p.75).

Assim, para que possamos avançar nas pesquisas que envolvem professores homens no cuidado e educação de crianças pequenas, é primordial que o tecido invisibilizado das relações de poderes existentes nesses espaços institucionais seja revelado como um diagnóstico desses conflitos e resistências que existem na relação entre homens e mulheres. Para Foucault (2003):

(...) entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, micro lutas, de algum modo. (p.231)

Porém, o poder para Foucault é uma potência que se exerce e não que se possui. Nesse sentido, as relações de poder são partes constituintes das redes relacionais e das diferentes configurações de verdade que sustentam ritmos diversos no tecido social. É por isso mesmo que em Foucault não existe necessariamente uma resistência ao poder, mas sim resistências numa relação de poder, uma vez que:

(...) relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. (FOUCAULT, 2003, p.232).

E é esse embate de potências, a visibilizar perspectivas e a obliterar percursos que seguimos no debate sobre a presença masculina com crianças uma vez que entendemos tais resistências, conflitos estão na escola, na creche, na universidade e demais espaços educacionais.

RELAÇÃO ENTRE CUIDADO, HIGIENE E VIOLÊNCIA/PERIGO.

Jairo: “O que é que está por trás desse receio do trabalho do homem dentro da educação infantil em relação à questão da higiene e do cuidado, do lidar com o corpo da criança? Vocês concordam que tem a ver com o que o Marcelo falou sobre a questão do medo da violência masculina?”

Wesley: *“Eu achei interessante essa questão do Marcelo, estou de acordo, acho que existe uma insegurança por parte dos pais mesmo aqueles que não sejam totalmente presentes no processo de aprendizagem das crianças, mas por eles serem pais e responsáveis acaba tendo sim esse medo, esse receio e eu percebo bem, a gente aqui nessa pesquisa, sabe que na educação infantil é esperado que as crianças de fato sejam educadas por mulheres por conta das crianças terem esse vínculo histórico da maternagem, é a referência feminina de cuidados, ao passo que no processo de ensino no ensino médio, faculdade é o homem que a gente pensa que vai ter maior “capacidade” de estar lidando com matérias complexas. Esse é um preconceito, que da minha parte vejo acontecer nas universidades, em escolas privadas, públicas e isso acaba sendo sim um contraste, são coisas meio que são pontos a se questionar, a refletir”.*

Alan: *“Então, eu até disse isso, naquele questionário que a gente preencheu sobre essa visão do homem ser potencializador e reprodutor desses abusos e a importância de evidenciar essa questão, falar sobre isso pra levantar e evidenciar as coisas de forma correta, porque a partir do momento que o homem é habilitado e qualificado pra trabalhar nessa área, vai ser injusta essa colocação de estereótipos criados pela sociedade que vai interferir nessa qualificação dele e eu até penso em fazer meu TCC sobre sexualidade, sobre questões de gênero não só pra prevenir abusos e levar conhecimento sobre o próprio corpo para os alunos como também para quebrar com esse estereótipo que homem não pode estar dentro da área infantil da educação”.*

A fala do estudante Wesley remete para uma dicotomia, a hierarquização dos saberes e territórios inerentes aos espaços educacionais. Homens e mulheres, naturalizados em lados opostos no que diz respeito a disciplina, ao componente curricular. Cabe lembrar que a creche é uma conquista do movimento feminista. Segundo Vieira (1986) *apud* Ramos (2017): foi em 1932 através do decreto no 21.417 que surgiu um instrumento jurídico para regularizar o trabalho da mulher considerando o condição de mãe e de gênero, tal decreto determinada instalação de creches em estabelecimentos com mais de 30 trabalhadoras e acima de 16 anos. Portanto, quando pensamos na feminização do magistério nos primeiros anos da escolarização, ou seja, na ocupação desse território infantil, isso tem a ver com a luta por esse direito ao trabalho e por consequência, pelo direito de ser mãe e trabalhadora ao mesmo tempo.

Alan se mostra afetado pela pesquisa, na verdade, todos os três rapazes, mas, sua fala denota que algo aconteceu, o que se passa com Alan? Certamente encontramos em Lazzaroto e De Carvalho (2012) a resposta quando os autores dizem sobre o processo de: “a capacidade de afetar e afetar-se para que se criem os modos de expressar os sentidos de uma pesquisa” (p.27).

Jairo: “O que vocês três acham, o que vocês enquanto homens estudantes da Pedagogia sugeririam para outros rapazes que poderiam vir a expressar seu desejo pelo curso? E como vocês agiriam em uma possível ação dentro da escola pra tentar diminuir o estereótipo dessa masculinidade violenta dentro do espaço de educação infantil. Como trabalhar a situação?”

Alan: “*Eu acho que é justamente através do diálogo e da conversa sobre esse fato. No começo, quando eu entrei na faculdade, até antes de entrar na verdade, eu não sabia que homens poderiam optar por Pedagogia e eu sempre quis ser professor e não conseguia escolher uma área e tem a Pedagogia que aborda todas essas áreas, mas eu não tinha o conhecimento que eu poderia por ser homem, então o diálogo ele é essencial pra levar esse conhecimento e já na Pedagogia, eu passei por um episódio de uma colega minha que falou que não teria coragem de deixar a filha dela ter aulas com homem, depois que a gente conversou a gente chegou no consenso que não tem nada a ver a gente está recebendo o mesmo conhecimento, da mesma forma que não vai interferir no conhecimento que a filha dela ou o filho dela vai receber*”.

Jairo: “*Muito interessante. Alan, você puxou o gancho que é o seguinte: Qual poderia ser uma das atitudes realizadas na Pedagogia? Vocês concordam comigo que passa pela mobilização com as estudantes, com as famílias sobre a presença do homem na educação infantil?*”

Wesley: “*Eu novamente trago como exemplo o seguinte: eu acho que esse tipo de tema ainda é um tabu, visto que ainda não existem tantos artigos abordando sobre e aproxima-se da discussão sobre educação sexual que também é um tabu, então eu vejo a importância de se trabalhar com os dois, não desviando dessa questão da educação sexual. Mas, trazendo essa questão do homem na educação eu percebo claramente a falta da família em relação à escola, eu acho que isso tem que ser trabalhado porque a partir do momento que exista essa interferência positiva haverá esse diálogo que o Alan bem disse. Logicamente que pode ter palestras, mas as vezes a palestra é algo não tão atrativo, a gente ver assim como nós como universitários, eu acho que se houvesse uma meio que favorecesse essa aproximação seria uma forma assim de conduzir melhor esse trabalho, ampliar um pouco a mente dos pais para que eles percebessem que não existe essa diferença entre cuidados, que o cuidado não está associado ao gênero, eu mesmo quando entrei na universidade cogitaram sobre a minha sexualidade “porque um homem escolheu Pedagogia? Será que ele é gay?” Olha só, como o nível das pessoas é de pensarem sobre isso.*”

Jairo: “*Até porque Wesley, você toca na questão do cuidado e da sexualidade e aí eu coloco também o seguinte, que o cuidado também não pode ser separado da educação como por vezes acontece, ou seja, é o ponto que a gente tem que problematizar, por que no espaço da educação infantil o cuidado parece ser tão separado da questão da educação? A mulher é capaz de cuidar e o homem não é capaz de cuidar? Sendo que os dois são educadores, os dois passaram por uma formação universitária pra serem professores de crianças pequenas, então, ambos tem conhecimento sobre a importância do cuidado relacionado a educação.*”

Wesley: “*Eu acho necessário romper com as generalizações, por exemplo, pessoas pensam em educação sexual, pensam na educação de pênis e vagina, quando as pessoas pensam em educação sendo ministrada por homens para os pequenos, a gente pensa em violência, como o Marcelo disse pedofilia, então é preciso romper com esse tipo de pensamento, é comum no âmbito social então a partir do momento que as pessoas se instruem, vendo e tendo contato com a rotina educacional na creche isso pode ser mudado*”.

Quando uma amiga de turma diz ao estudante Alan que não teria coragem de deixar a filha ter aula com homem, fica explícito que o gargalo é justamente a presença do homem, pouco importando se ele também está tendo a mesma formação. Segundo Ramos (2017): Percebe-se que executar as tarefas contidas no binômio educar/cuidar não se configura como uma dificuldade exclusiva dos professores homens. Estudiosos da educação infantil têm produzido profícuas discussões sobre a indissociabilidade do cuidar e do educar (p.86).

Isso parece colocar a própria formação pedagógica em xeque, afinal, homens e mulheres podem optar pela formação em magistério que tem entre seus pilares conceituais a indissociabilidade entre cuidar e educar. As Diretrizes para o trabalho com a infância diz claramente desta relação de complementaridade entre cuidar e educar. Mas, do que adiantar os cursos enfatizarem a importância do cuidar e educar se na prática parece haver nas instituições infantis um arranjo interno de que os homens não podem se envolver no trabalho que envolve a higienização dos corpos infantis, a nudez infantil parece ainda estar permeada de códigos morais intocáveis. Também acontece deles próprios se esquivam de fazer por medo dos familiares, da diretora, das próprias crianças que podem ser influenciadas por discursos preconceituosos dos familiares e até fazer uso contra o professor, e, claro, podem se esquivar também por conveniência. O que problematizamos é comungado por Ramos (2017) quando diz que:

É instigante o modo como essa polarização ocorre em muitas instituições que atuam com a educação e o cuidado. Dicotomizar essas duas dimensões - tão caras à educação infantil e relegar os cuidados das crianças às profissionais que não fazem parte do quadro docente, é uma forma de contribuir para ratificar que não há necessidade de formação específica para exercer as ações pertencentes a essa dimensão no campo da educação infantil, basta cuidar “direitinho” e gostar de crianças e não molestá-las de nenhuma maneira (p.89).

A fala de Alan se conecta ao do estudante Wesley quando este aponta para a curiosidade das colegas de curso sobre sua sexualidade, aparece a vontade de saber dos outros sobre sua identidade sexual, sobre aquele corpo sexuado do novo colega de turma que pode ser classificado como: homossexual, heterossexual ou bissexual? Qual seria a identidade deste rapaz? Como aponta Britzman (1996): “O pressuposto universal – ao menos até que seja perturbado – é que “todo mundo” é, ou deveria ser, heterossexual e que a heterossexualidade é marcada através de rígidos binários de gênero” (p.76).

Tal curiosidade parece se legitimar na sociedade que administra a sexualidade alheia, sabendo sobre ela é possível acionar os saberes através dos discursos aprendidos historicamente. E, como a docência com crianças pequenas é predominantemente feminina, é

notória a vigilância sobre os homens que ousam romper com esse território conquistado pelas mulheres. A divisão social de papéis que acontece nas profissões, no sentido de separar o que é próprio da mulher e próprio do homem na sociedade deve ser observada sempre pelo prisma da historicidade que é o que SCOOT (1995) nos lembra, afinal:

O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (p.75).

Por esse motivo, faz-se necessário lembrar que, o domínio das mulheres no magistério, ou, no território infantil ao longo do século XIX foi algo desejado pelas próprias mulheres, pois, como aponta Ramos (2017): “A educação infantil, conforme enfatizado por muitos estudiosos(as), surgiu das lutas empreendidas por mulheres, para atender uma demanda também de mulheres, ou seja, a educação infantil “nasceu feminina” (p.23). E, nesta conjuntura histórica, tal profissão parece ter ficado pouco condizente com a imagem de uma masculinidade dominante, inclusive, pelo fato desta profissão ter sido atrelada com os afazeres ditos femininos como a maternagem, o cuidado e o educar, elementos pedagógicos distanciados das representações de uma masculinidade lembrada pela violência, insensibilidade. Portanto, quando Alan e Wesley enfrentam a desconfiança declarada das colegas de curso, isso mostra que para alguns olhares dessa turma, os dois rapazes não seria bem-vindos, até porque, rapazes que escolhem o magistério podem ser vistos como não sendo homens de verdade e, isso também seria um problema.

Jairo: “Qual seria a sugestão de vocês pra esse estreitamento entre escola ou qualquer espaço infantil de educação com as famílias? Vamos pensar, se fossem gestores de uma instituição infantil como vocês pensariam essa aproximação com as famílias para poder tentar combater esse preconceito?”.

Marcelo: “*Eu acho que é a questão do diálogo. A escola deveria tentar trazer as famílias na escola pra poder debater mais esse assunto, eu acho que o diálogo seria um caminho e talvez pesquisas, trabalhos como esse que está sendo realizado agora por vocês, também acho que vai trazer uma contribuição muito grande nesse sentido, eu acho que o caminho seria esse.*”

Alan: “*Eu concordo com o Marcelo, porque vai ser através do diálogo com a família da criança, eu já pensei sim na minha formação como professor ter sempre um diálogo com as famílias dos alunos para interagir com elas com o âmbito escolar, porque isso também não acontece e mesmo não sendo a nossa obrigação de falar sobre essa questão de gênero, de falar sobre o homem na educação a gente vai ter que acabar falando porque isso não é comum na visão deles, eu nunca tive um professor homem na educação infantil a não ser que seja um professor de ensino religioso ou professor de educação física, então a gente vai ter que está inserindo essa questão e vai ter que ser através do diálogo.*”

Jairo: “Bem lembrando pelo Alan, inclusive a presença masculina nos espaços de trabalho com crianças, acaba sendo mais naturalizada quando estes são: porteiro, motorista, vigia, professor de educação física, de informática etc. Poderíamos pensar sobre a própria contratação, talvez uma das atitudes para que haja esse estreitamento com a família, passa pela própria concepção de escola, concepção de infância, ou seja, a partir do momento que essas instituições enxergarem que a educação da criança deve envolver sim uma proposta de Educação Sexual visando uma política para a sexualidade, para a igualdade de gênero.

Marcelo: “Eu achei muito bem colocado essa sua questão de às vezes as próprias instituições tem preconceito em contratar homens, as vezes esse preconceito nem é só das famílias, mas as vezes também as próprias instituições evitam, não dão tantas oportunidades e essa questão que você falou da novidade, eu gostaria de contar uma pequena experiência que aconteceu comigo que talvez possa contribuir para o que estamos falando aqui, então, eu a um tempo atrás dei aula em uma escola, isso já deve ter quase dez anos, e eu peguei uma sala de seriado era terceiro, quarto e quinto ano, foi assim um período muito curtinho, mas como era uma escola de zona rural aonde eu moro e as pessoas me conhecem, então eu vi uma satisfação dos pais em saber que o professor dos filhos deles era eu, então nem sempre vai ser 100% preconceito, eu me lembro até de um pai que foi lá na escola me dá as boas-vindas e eu achei aquilo muito bonito e interessante da parte dele ir na escola para fazer isso, um pai, um homem foi lá pra me dá as boas-vindas e estava muito contente deu poder está ali naquela escola, então eu acho que nem sempre vai ter esse preconceito, pelo menos comigo no pouco tempo que dei aula não tive esse preconceito, talvez pelo fato de ser uma pessoa conhecida da comunidade, eu acho.”

A fala de Alan nos instigou, pois, o que levou o estudante a pensar não ser obrigação de falar sobre gênero? Talvez tenha ocorrido um certo equívoco de pensar a discussão como sendo uma obrigatoriedade familiar, mas, sabemos que o debate dentro das instituições de ensino está permitida e embasada pelos documentos legais que regem a nossa educação como: Constituição Federal (1988), em seus artigos 205º e 206º. Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual (1997). Lei de Diretrizes e Bases (LDB – 1996) em seu artigo 3º. Todos versam sobre o direito de se debater sobre Gênero e Sexualidades desde a educação infantil.

A fala de Marcelo também nos chama a atenção uma vez que o rural é um lugar de demarcação entre o masculino e feminino, casa e roça, entre os ciclos da natureza forma um axioma binário em que a masculinidade dominante encontra a sua realização no trabalho e no cuidado com a terra. BARRETO XAVIER; SEFFNER; BARBOSA (2020) apontam que: “Na roça as masculinidades legitimadas são as que operam com elementos ligados ao modo predominante de trabalho: força física; disposição para o labor ao ar livre; liderança de grupo; negociações no mercado; domínio sobre a família extensa” (p.370). O autor também ressalta a autoridade que é vista como um atributo valorizado na escola e que acaba sendo atrelada a figura do professor homem como sendo um requisito desejável. Talvez este pode ter sido um dos motivos da boa recepção encontrada pelo estudante Marcelo em sua experiência enquanto docente no meio rural.



Claro, não desconsideramos aqui que os identificadores tais como a heterossexualidade e o fato de Marcelo ser um conhecido da comunidade, afinal, ele próprio reside no local, podem ter ajudado para a boa recepção do estudante. Só pelo fato de Marcelo ser um conhecido da comunidade, ele pode ter sido visto como apto para assumir um lugar dito como ideal para as mulheres. Ou seja, Marcelo, por fazer parte daquela rede de moradores, já teria sido aprovado no período probatório que Ramos (2017) destaca em sua pesquisa com professores homens, ou seja, aquele período de adaptação e aceitação aos olhos dos familiares e comunidade escolar.

No mais, sabemos que, as instituições de educação infantil são vistas como território natural de trabalho feminino, a reafirmar que este deve ser um espaço democrático de gênero se torna um ato político. Caetano (2019), diz que a participação de homens na educação infantil é importante porque traz a presença do homem cuidador que ajuda no desenvolvimento infantil e na superação de traumas gerados nas crianças no convívio em lares conturbados. Este aspecto aparece nas entrevistas realizadas por Ramos (2017), tanto foi identificado professores sendo chamados de pai quanto de vovô. “Muitas crianças que frequentam as instituições de educação infantil em que esses professores atuam os têm como principal referência masculina a quem, por diversos motivos, insistem em evoca-los como se os mesmos fossem pais” (p.84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas coletadas neste encontro com os três estudantes homens que se disponibilizaram a conversar mais sobre o lugar da docência masculina com crianças, apontam primeiramente a necessidade deste lugar de fala e discussão na formação de professores, pois, nos parece inconcebível que a pequena presença dos homens no curso de Pedagogia não seja alvo para debates sobre os motivos dessa baixa procura. O encontro também serviu para reforçar com esses estudantes que embora esteja havendo um processo lento de mudança no olhar para com os homens que buscam se formar e trabalhar com crianças, ainda é forte o pânico moral sobre a pedofilia e, claro, que ainda existe um receio notório no processo de cuidar-educar, especialmente no ato de higienização da criança o que nos leva a pensar em um paradoxo da profissão uma vez que não existe separação entre o cuidar e o educar e, mesmo assim, o professor homem no trabalho com crianças, são privados desse fazer.



AGRADECIMENTOS

Agradeço os estudantes: Alan, Marcelo e Wesley e ao PAPQ-UEMG que financia a pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRITZMAN, P. Deborah. **O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo.** Revista Educação e Realidade. Jan/Jun 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71644/40637> acesso em 21 de mar de 2022.

CAETANO, Carolina. **Onde estão os homens na educação infantil.** 2019. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/onde-estao-os-homens-na-educacao-infantil> acesso em 21 de mar de 2022.

FOUCAULT, Michel: **Estratégia, poder-saber.** Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro e org. de Manoel Barros de Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Editora: Graal, 2010.

FILHO PRADO, Kleber. **Desnaturalizar.** In: Fonseca, Nascimento, Maraschin (org)s. Pesquisar na Diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pgs.73-74.

LAZZAROTO ROMANZINI DOMINGAS, Gislei, DE CARVALHO, Júlia Dutra. **Afetar.** In: Fonseca, Nascimento, Maraschin (org)s. Pesquisar na Diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pgs. 25-27.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista** 16º Ed. Vozes. Petropolis. 1997.

RAMOS, Joaquim. **Gênero na Educação Infantil. Relações (Im)possíveis para professores homens.** Jundiaí, Paco Editorial. 2017.

SCOOT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação e Realidade. Jul/Dez. 1995 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> acesso em 21 de mar de 2022.

BARRETO XAVIER, Antônio Jeferson; SEFFNER Fernando; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **“Mulher tem mais facilidade para coisa artística, organização, trabalhos didáticos”:** Produção de masculinidades e estratégias pedagógicas nos anos iniciais da roça. Vol 06, N. 04 - Out. - Dez., 2020. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv> acesso em 21 de mar de 2022.